



## E se buzinar quiser dizer outra coisa....

Conversando com amigos fiquei a saber que em algumas cidades é impossível ter pressa ao fim de semana. Principalmente, pretender ir de automóvel a qualquer lado, rapidamente, a meio da tarde, revela-se uma tarefa impossível. Aproveitam-se as tardes de domingo, se estiver chovendo com maior incidência, para passear calmamente de automóvel, parar na esquina ou no meio de uma rua, abrir o vidro e conversar com o conhecido que transita em sentido contrário. Se um estranho resolve chamar a atenção da forma mais usual – buzinando – os passeantes dirigem-se ao estranho tentando perceber quem está chamando e que novidades trará. Buzinar a alguém que transita a velocidade extremamente reduzida numa estrada em que não é possível ultrapassar terá como consequência que o condutor quase pare para ver quem vem lá e o que querará combinar.

Num dia de descanso, à tarde, sem pressas, buzinar não pode significar o mesmo que noutras circunstâncias. Nesta comunidade, num tempo específico, os sinais adquirem o significado que vem sendo construído pelos seus elementos e aos estranhos, aos de fora, apenas resta apreender essas novas formas de partilhar sentidos. Nem sempre, para todos, os mesmos sinais têm idêntico significado mesmo se os percepcionarmos de forma semelhante. Que poderá então acontecer quando não nos é possível ter sobre os mesmos sinais uma visão semelhante?

Também na escola os significados e a visão do que se lá faz está sujeita a diferentes perspectivas e adquire significados que diferem com os tempos em que são vividos.

A Reorganização Curricular constituiu para alguns uma forma de tornar real as aspirações que há muito acalentavam. Para outros revelou-se um problema com que é difícil lidar. Em consequência... muito do que se pretendia adquiriu no concreto significados completamente perversos. A grande alteração que era alargar os tempos de aula, tomou forma em grande parte das escolas de 2º e 3º ciclo em espartilhos mais apertados que os anteriores. Se antes a campainha tocava de 50 em 50 minutos, agora passou a tocar de 45 em 45 minutos. Para os alunos não parece que o tempo de escola se tenha alterado para um tempo de vida mais significativo e menos agitado, mas ao invés, um tempo menos partilhado e mais conflituoso.

Os significados em relação ao saber e ao conhecimento continuaram sujeitos ao mesmo confronto de interesses e poderes que cada um dos actores transporta para dentro da escola, local onde, como em todo o social, se disputam e negociam papéis e estatutos.

O tempo de estar contra parece que já passou. A Reorganização Curricular é algo de muito concreto nas escolas e tem adquirido significados e formas diversas, como aliás era de esperar e se desejaria. O que parece premente é partilhar esses significados, encontrar tempos e espaços em que se questiona, discute, comunica, dá a conhecer, as diferentes visões e a forma como se tem entendido resolver os quotidianos. Como sempre, sem novidade aliás, na partilha de significados poderemos encontrar as formas de ultrapassar os medos e encontrar as formas de tornar a escola um espaço de vida que não seja angustiante.

A importância desta partilha não se esgota no facto de comunidades diferentes passarem a construir diferentes significados para tempos e espaço diversos. Mesmo correndo o risco de que “buzinar” tenha por consequência comportamentos diferentes dos pre-

vistos, os testemunhos dos diferentes caminhos encontrados parecem deixar em aberto a possibilidade de encontrar um maior número de escolhas. Perceber formas de ultrapassar certos constrangimentos que esgotam a nossa capacidade de enfrentar, com gosto, os desafios dos quotidianos escolares, é algo que, como sempre, apenas poderemos descobrir em conjunto e que não constitui nem novidade nem mudança.

Helena Amaral  
EB 1 n.º 124, Lisboa

## Reflexão em voz alta

Depois de sair de um espectáculo surtiu-me a questão: O professor será um actor? Resolvi passar para o papel algumas ideias e enviá-las para a revista de modo a que mais docentes reflectam sobre a questão. Aqui vai a minha reflexão.

Para além de um simples local de aprendizagem e ensino, a sala de aula é, sem dúvida, um contexto ideal para a organização do desenvolvimento das atitudes e comportamentos dos alunos. O ensino não é uma mera transmissão de conhecimentos em que o professor tem só a função de transmissor pois, se isso acontecesse, cairíamos na questão do professor como actor (...). Mas não é nada disto que se pretende. Procedendo deste modo, só conseguiria um afastamento do aluno para com o professor. Ensinar é, acima de tudo, um processo de relações interpessoais (...). Como poderão os professores agir com intencionalidade e ter algum impacto junto dos seus alunos se não estão a ser eles próprios mas sim a exercer as funções de actores?

Por mais talento que o professor tenha ao desempenhar o seu papel,



os alunos não sentir que este é um actor e não um professor que está ali para ajudar e ser ajudado. Que não se chegue também ao extremo de acreditar que um bom professor é dotado de uma característica inata. Será que se pode falar em “dom” ou “vocação” para leccionar? Claro que não. O que se passa é que estes ditos “bons professores” foram ao longo da sua vida adquirindo, as mais variadas formas, pequenas competências, sobretudo ao nível da relação interpessoal que lhes permitem exercer a docência com menores dificuldades. Ser “bom professor”, ou mais simplesmente, um professor basta que seja ele próprio e que não esteja, como referi a incorporar outra personagem. Isto é, que fale directamente para os seus alunos e que não esteja a declamar para a vasta plateia de alunos. Daqui poder-lhe-ia vir a sensação de estar a falar para ninguém, de ser ignorado, visto que ele – actor e não professor – está a falar para espectadores e não para alunos, o que levará a uma sensação de desconforto, ansiedade ou irritação por parte dos alunos e mesmo do dito actor. Na interacção humana, estar verdadeiramente com a outra pessoa ou estar presente implica demonstrar interesse e atenção por aquilo que o outro nos tem para dizer. Implica ainda a relação pergunta/resposta, o que não pode acontecer no decurso de uma actuação. Na minha opinião, os professores devem encorajar os seus alunos a falarem livre e abertamente. Isto é, a participarem na aula. (...)

O contacto visual é um exemplo de um comportamento não verbal que pode facilitar de forma significativa a relação interpessoal aluno/professor e não de um aluno/actor visto alguns desses comportamentos podem funcionar como encorajamento, repreensão, convite a falar, zanga, alegria, etc. Enfim, por vezes, as nossas mensagens não-verbais são mais importantes que as verbais. Além de serem geralmente mais espontâneos, os nossos comportamentos não-verbais não são tão seleccionados nem controlados antes de serem

manifestados como o são as nossas palavras. Aquilo que mostramos através do não-verbal determina, em grande parte, o impacto daquilo que dizemos por palavras..

Luísa Selas  
Esc. Sec. Henrique Medina

## “Não quero ofender ninguém, mas...”

O meu nome é Miriam Portela! Tenho 18 anos e estudei até ao 12º ano em Portugal, numa escola pública. Em Setembro comecei a frequentar uma licenciatura em Biotecnologia na Universidade de Hertfordshire, em Inglaterra.

Não consegui entrar em universidades públicas portuguesas, devido às minhas classificações nos exames nacionais.

As minhas notas do 12º ano foram: Português B–16, Matemática–14, Biologia–16, Química–13, Psicologia–16 e Técnicas Laboratoriais de Química–17

As minhas notas dos exames nacionais foram: Português B–100, Matemática–085, Biologia–117, Química–125 e Psicologia–159.

Estas notas induziram que a minha classificação final no secundário fosse de 14 valores e 15 para o acesso ao ensino superior.

Claro que com 8,5 no exame de Matemática não iria ser admitida em nenhuma universidade pública portuguesa, por isso decidi candidatar-me a seis cursos das melhores universidades inglesas, mais propriamente aos seis melhores cursos ingleses no ramo de Biotecnologia.

Mesmo com as minhas “miseráveis” notas, entrei em todos!

Surpreendido? Não devia estar, pois estas universidades já conheciam o nosso sistema de exames nacionais, pela quantidade de alunos que “foge” às universidades portuguesas. Não tiveram qualquer problema em aceitar uma estudante portuguesa com média

de 14 do secundário. Só para completar, os ingleses que queiram entrar neste mesmo curso nestas universidades precisam de ter uma média de A, isto é, acima de 18/20.

As minhas notas do primeiro semestre foram:

Química–A1, equivalente a 20, Evolução e desenvolvimento celular–B1, equivalente a 17/18 e Matemática–A1, equivalente a 20.

Devo dizer que fui a melhor a Matemática e Química do meu Departamento de Biociências.

Mais uma vez não devia estar surpreendido, pois não sou caso único. Todos os estudantes portugueses que conheço e que foram estudar para outros países, são dos melhores alunos a Matemática e Química. Será que o problema é dos estudantes portugueses no ensino secundário? Ou será do sistema educacional? Talvez seja outros motivos, não?

Não tenciono ofender ninguém, mas sim apresentar factos de uma política incompreensível a nível de entrada de universidade!

Miriam Portela, Caxias

A Redacção reserva-se o direito de editar os textos recebidos de modo a tornar comportável a inclusão de todas as contribuições no espaço disponível na revista.